

A ESTRUTURA DA OBRA SCITO TE IPSUM DE PEDRO ABELARDO

THE STRUCTURE OF THE WORK SCITO TE IPSUM BY PETER ABELARD

LUCSON FIBO CHÉRY*

Graduado em Filosofia-bacharelado pela UCPEL, Formado em Teologia pelo CIFOR (Centre Inter-Intituts de Formation Religieuse).

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a estrutura da obra *Scito te Ipsum*, de Pedro Abelardo. Esse filósofo exerceu grande influência no século XII, especialmente no campo do ensino. A obra *Scito te Ipsum* é dividida em dois livros: o primeiro trata dos vícios e do pecado, enquanto o segundo aborda as virtudes. Essa obra ética contém 26 capítulos subdivididos em itens. Abelardo a escreveu com a intenção de aprofundar a discussão sobre a moral sob uma perspectiva cristã. No entanto, teve como grande opositor São Bernardo de Claraval, que instigou a condenação de suas supostas heresias pela Igreja. De forma geral, considerando o percurso acadêmico de Abelardo, a presença da *ratio* (Lógica, Dialética) em *Scito te Ipsum* e os princípios fundamentais de sua obra, buscou-se encontrar soluções para o problema do pecado.

Palavras-chave: *Scito te Ipsum*. Pedro Abelardo. *Ratio*. Pecado. Heresias

Abstract: The objective of this work is to present the structure of the work *Scito te Ipsum* by Peter Abelard. This philosopher had a great influence in the 12th century, especially in the field of education. The work *Scito te Ipsum* is divided into two books: the first deals with vices and sin, while the second addresses virtues. This ethical work consists of 26 chapters subdivided into sections. Abelard wrote it with the intention of deepening the discussion on morality from a Christian perspective. However, he faced strong opposition from Saint Bernard of Clairvaux, who instigated the condemnation of his alleged heresies by the Church. In general, considering Abelard's academic trajectory, the role of *ratio* (Logic, Dialectic) in *Scito te Ipsum*, and the fundamental principles of his work, this study seeks to explore solutions to the problem of sin.

Key-words: *Scito te Ipsum*. Peter Abelard. *Ratio*. Sin. Heresies.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Palatino escreveu suas obras éticas que são: *Scito te Ipsum* e *Sic et Non* depois dos seus sofrimentos ao longo de sua vida. Esta pesquisa é mais voltada para *Scito te Ipsum*, uma obra dividida em dois livros: o primeiro é focado nos vícios e no pecado; e o segundo nas virtudes. É feita uma apresentação geral da estrutura desta obra, enquanto relata o percurso acadêmico do filósofo e um exame da presença da *ratio* (retórica, dialética) que figura na obra.

Considerando essa obra na sua integralidade, em geral se pode perceber que ela se dirige aos conceitos de pecado; intenção; consentimento; vontade. São esses que embasam e justificam as nossas ações. Para o filósofo, aquilo que nos impulsiona a deliberar sobre uma determinada ação é a intenção, mas para poder sentenciar esse impulso através do resultado posterior do fato, é necessário que soubesse primeiramente se havia consentimento. Ao longo deste trabalho, surgirão outros conceitos-chave que estão interligados para um melhor entendimento das teses sustentadas pelo filósofo.

São Bernardo de Claraval, místico e teólogo da época, considerado como grande opositor de Pedro Abelardo, nos debates que ambos tiveram, a sinceridade e humildade foram sempre mantidas para que tivesse uma verdadeira discussão filosófica. Em vários momentos, o teólogo derrubou alguns argumentos do filósofo. Pedro Abelardo faz algumas críticas acerca das más interpretações históricas feitas pelos monges e também

sobre o fundamento da vida monástica em face da questão do pecado, intenção e realização de obras. O filósofo foi condenado pelo concílio de Soissons, em 1121, e de Sens, em 1141, devido a essas críticas e, foi proibido de se expressar sobre as doutrinas da Igreja por muito tempo.

2 O FUNDAMENTO ÉTICO DO SCITO TE IPSUM

Não se pode esquecer que Pedro Abelardo é filósofo e teólogo, discípulo do nominalista Roscelino¹ e do realista Anselmo de Laon. É reconhecido como um dos principais expoentes da dialética² e da retórica no período medieval. Para uma boa apresentação da estrutura de sua obra *Scito te Ipsum*, é necessário dizer que ela é também uma obra Ética. O termo Ética figura com frequência na classificação das artes no século XII.

De acordo com Pedro Rodolfo Fernandes da Silva, são conhecidos cinco manuscritos do *Scito te Ipsum*, sendo dois do século XII e os demais dos séculos XIV e XV. O manuscrito A (CLM³14160) é o escolhido por Luscombe como base de sua edição da *Ethica*, porque ele parece ser o que menos requer correção e cotejamento com os demais. Foi também o manuscrito escolhido e usado por Bernardo Pez, quando de sua edição em 1721. O único título encontrado nos manuscritos que sobrevivem desde o século XII é o de *Scito te Ipsum*, não obstante Abelardo ter se referido a essa obra por *Ethica* na *Espitola Paulinae ad Romanos*⁴.

1 O nominalismo, posição assumida, sobretudo por Roscelino- segundo o qual o universal seria puro nome que designa uma multiplicidade de indivíduos. Em tal sentido o conhecimento só pode ter resultados céticos, porque não existe nenhuma ligação substancial entre as palavras/ conceitos e as coisas. REALE; ANTISERI, 2015, p. 166.

2 Relacionada com os estudos gramaticais e seu posterior desenvolvimento, a dialética levou ainda à maior exaltação da *ratio*. (Idem, p. 167).

3 Os manuscritos são referidos pelas letras CLM, abreviação de Catalogus Codicum Latinorum Bibliothecae Regiae Monacensis.

4 DA SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes. O *Scito te Ipsum* de Pedro Abelardo (1079- 1142): apresentação de conjunto e plano geral da obra. *Revistas ciências humana-Universidade de Taubaté (UNITAU)- Brasil*, Vol. 2, 2009, p. 2.

Em outras pesquisas a respeito dos manuscritos do *Scito te Ipsum*⁵, é descoberto que esse é o título apresentado por três manuscritos que trata a questão da interioridade.

Sabemos que o *Scito te Ipsum* tem fundamento ético, assim podemos relatar o seu significado. Conforme o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, usualmente, se pode entender a Ética como:

em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1ª a que a considera como ciência do *fim* para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal *fim*, deduzindo tanto o fim quanto os meios da *natureza* do homem; 2ª a que considera como ciência do *móvel* da conduta humana e procura determinar tal móvel como vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta (ABBAGNANO, 2003, p. 380).

A Ética era vista pelos autores da Idade Média como um elemento da filosofia pagã. Sócrates⁶ é considerado como o inventor da Ética. Esses autores fizeram muito esforço para integrar esse termo no pensamento cristão, principalmente no seio da doutrina das virtudes. Mas, o termo não perdeu o seu significado originário. A obra *Scito te Ipsum* de Pedro Abelardo é uma investigação para completar a discussão sobre a moral em uma perspectiva cristã. Desta maneira, ele escreveu esta que apresenta e examina as questões fundamentais da doutrina moral da Igreja através da crítica racional.

A obra *Scito te Ipsum*, de Pedro Abelardo, é dividida em duas partes: a primeira é voltada para os *vícios* e o *pecado*, e a segunda para as *virtudes*. Ao longo desta pesquisa, vamos expor esses conceitos conforme o pensamento abelardiano. Em termo de informação fornecida a respeito da Ética de Abelardo, é revelado que:

A *Ethica*, cuja composição remonta, provavelmente, aos últimos anos de vida de Abelardo e precede por pouco o Concílio de Sens, em que algumas proposições tiradas desta foram condenadas, deveria ser dividida, segundo seu projeto inicial, em dois livros: A obra que conhecemos limita-se ao primeiro livro e, com base em apenas um dos cinco manuscritos até hoje conhecidos, a poucas frases do começo do segundo; é difícil estabelecer se este foi terminado e depois perdido, ou se o próprio autor decidiu não completar a obra, sendo possível, neste caso, formular diversas hipóteses que expliquem tal escolha (ROSSINI, 2016, p. 68).

De fato, não tem uma data precisa que diga quando o filósofo escreveu a sua obra Ética. O Concílio de Sens condenou algumas obras do Palatino, cujo instigador é conhecido como São Bernardo de Claraval. Devido a algumas heresias cometidas pelo Palatino, São Bernardo sempre expunha suas objeções. Esta discussão será abordada ao longo da pesquisa. A grande dúvida que fica até hoje, é se Pedro Abelardo foi impedido de escrever a segunda parte de sua obra *Scito te Ipsum* ou se foi sua escolha de não a comple-

5 Quant à *Scito te Ipsum*, c'est le titre présenté par trois manuscrits et que mérite de mettre en lumière le Thème central de l'intériorité. « Quanto a *Scito te Ipsum*, é o título apresentado por três manuscritos e que merece destacar o tema central da interioridade" (GANDILLAC, 1993, p. 8).

6 Considerado também como pai da filosofia, muito exaltado por Platão. É conhecida a famosa frase atribuída a ele e ao oráculo de Delfos que é: "Conhece-te a ti mesmo".

tar.

3 VISÃO GERAL DO PERCURSO ACADÊMICO DE ABELARDO

A primeira parte da vida de Pedro Abelardo passa somente em estudos. Foi discípulo do mestre Roscelino, Guilherme de Champeaux e Anselmo de Laon. O filósofo era muito famoso em Paris, aclamado pelos estudantes, ganhava dinheiro e glória, porque explicava bem os textos fundamentais da lógica e da Sagrada Escritura. Após alguns anos de sucesso, foi contratado para dar aula particular a Heloísa, sobrinha de Chanoine Fulbert. Abelardo e Heloísa chegaram a entrar numa relação amorosa e depois tiveram um filho conhecido como Astrolábio.

A partir de 1114, obtida a cátedra em Notre Dame, Abelardo, já um dos mestres mais conhecidos de sua época, dá curso de Teologia e Dialética; naqueles anos, provavelmente em 1116, conhece Heloísa, então com 16 anos, e o tio dela, Fulberto, cônego de Notre Dame, dá-lhe permissão para que se ocupe da instrução de Heloísa. A história de amor entre os dois se concluirá dramaticamente, com a entrada de ambos para o convento: Heloísa em Argenteuil e Abelardo na abadia de Saint-Denis, onde poderá continuar a ensinar (ROSSINI, 2016, p. 13-14).

Essa relação é a causa que gerou a violenta castração de Abelardo. Em seguida, Abelardo entrou para o convento de Saint Denis, e Heloísa para o convento de Argenteuil. Essa distância causou sofrimento na vida de ambos, em tal caso eles tinham que começar a trocar Cartas e, Pe-

dro Abelardo começou também a escrever a sua autobiografia⁷. O filósofo não parou de ensinar filosofia, mais precisamente a ciência sagrada. Escreveu o "Tratado sobre a unidade e a trindade divina" ou "Teologia do bem supremo" que foi condenada pelo concílio de Soissons em 1121.

Pedro Abelardo teve uma vida inquieta e atormentada, suas obras revelaram-no, entretanto, como "a outra vertente da Idade Média", uma Idade Média ainda pouco explorada, inovadora e contestadora. Depois de ver algumas de suas teses condenadas com concílio de Soissons 1121, e no concílio de Sens, em 1140, apela ao Papa por uma avaliação mais justa. Na viagem, cansado e prostrado, bate às portas do mosteiro de Cluny, onde Pedro, o venerável, o acolhe com carinho. Aí recolheu-se em oração, morrendo em 1142. Pedro, o venerável, ditou o seguinte texto para o seu túmulo: "*Sócrates da França, sumo Platão do ocidente, moderno Aristóteles, émulo ou maior dos dialéticos de todos os tempos; príncipe dos estudos, famoso no mundo, gênio multiforme, penetrante e agudo; tudo superava com o poder da razão e a arte da palavra: esse era Abelardo*" (ZILLES, 1993, p. 93).

A partir de uma leitura profunda na Ética de Pedro Abelardo, podemos perceber que ele é um dos filósofos que contribuiu muito para a doutrina moral dos filósofos cristãos. Pedro Abelardo faz uso de um termo genérico da filosofia pagã para um tratado teológico cristão. Esse conceito recebeu um destaque influente na Idade Média. Assim, o *Scito te Ipsum* não é uma mera escrita

⁷ Entre 1132 e 1133, compõe a História de calamitatum mearum, que reevoca as dores da vida de Abelardo até o precipitado abandono de Saint-Gildas, cujos monges, pelo que ele contava, tentaram matá-lo. Segundo alguns estudiosos, a este período remonta também a composição de Ethica ou Scito te Ipsum. (ROSSINI, 2016, p. 15).

de Abelardo, mas uma obra que possui uma lógica e uma racionalidade que mostra a influência da filosofia de Boécio e de Aristóteles. A obra trata da questão do pecado em geral que tem a ver com as posturas da Igreja. A problemática do pecado não é somente uma categoria filosófica, é também uma categoria teológica. Através dessas duas categorias, o conceito *peccatum* é debatido a partir da visão abelardiana com o método da dialética. O *Scito te Ipsum*, de fato tem sua grande importância no desenvolvimento do pensamento ético medieval, e o Palatino mostra sua coerência na elaboração da escrita desta obra.

Outra pesquisa mais aprofundada feita por Pedro Rodolfo Fernandes Da Silva descobre que Abelardo elabora sua teoria ética em três níveis: o primeiro é abstrato que se baseia sobre o bem, o mal e suas relações com Deus. O segundo nível é menos abstrato que se embasa na análise do ato ético. Por fim, o filósofo tece o terceiro nível sobre a ética prática em grupo e sociedade, através de exemplos (2017, p. 28). Antes de Abelardo elaborar as suas obras éticas, ele discutia com seus mestres sobre a problemática dos universais, pois, foi em um debate que ele expôs seus métodos e reconheceu-lo como um conceitualista.

A dedicação ao estudo aprofundado pelo Palatino faz com que ele contribua significativamente no desenvolvimento da filosofia. "Abelardo, ordinariamente fazem-no conceitualista, mas um estudo mais acurado de alguns textos mostra que ele não negava um fundamento objetivo aos conceitos universais. Pode-se, pois, afirmar que, como S. Anselmo, Abelardo anteviu a verdadeira solução do árduo problema sem lhe achar uma fórmula completa e exata. Este estudo mais penetrante da questão dos universais à luz da teoria

aristotélica do conhecimento, por ele mais aprofundada do que pelos seus antecessores, é a sua contribuição mais importante para o progresso da filosofia" (FRANCA, 1969, p. 92).

Essa citação feita acima é uma oportunidade para abordar as discussões sobre os universais. De fato, o filósofo participou nesta questão provavelmente no ano 1095-1105⁸, segundo Maurice de Gandillac. Abelardo explana suas teorias conceitualistas contra Guilherme de Champeaux e Roscelino. Para Champeaux, os universais existem em si, isto é, um realismo exagerado. Para Roscelino, seria puro nome que indica um grupo de indivíduos. Finalmente, qual foi a solução dada por Abelardo à questão dos universais? A resposta oferecida por Abelardo possui a forma de um aristotelismo, porque para o Palatino, quando é feito um processo cognoscitivo-abstrativo a partir de uma distinção na realidade concreta, se formam conceitos universais na nossa mente. Segundo Abelardo, não podemos captar a essência das coisas e os universais não existem na natureza.

A estas posições acrescenta-se a de Abelardo, que se pode chamar de conceitualismo. Os universais, observa Abelardo, não existem na natureza e sim em nossa mente (*post rem*) como conceitos; estes se formam quando a mente, no processo cognoscitivo-abstrativo, distingue e separa os diversos elementos que estão compactados na realidade dos seres concretos. Nos conceitos universais o intelecto separa de mais entes semelhantes um modo de ser comum, e este é o conceito universal para aquele grupo de indivíduos. Desse modo, porém, não é captada a

8 Errances studieusement belliqueuses, discussions sur les universaux avec Roscelin et Guillaume de Champeaux. «Andanças estudiosamente beligerantes, discussões sobre universais com Roscelino e Guilherme de Champeaux» (GANDILLAC, 1993, p. 53).

essência das coisas, mas *seus status communis*; por conseguinte, não podemos conhecer a realidade em si, esta é conhecida somente por Deus, mas propriamente nossos conceitos, que exprimem apenas parte da realidade: exatamente a certa condição de natureza da qual mais objetos participam (REALE; ANTISERI, 2015, p. 166).

Fazemos menção disso porque a sua carreira acadêmica é traçada e iniciada também por essa fase que mostra a sua dedicação na contribuição para o pensamento medieval. Esses aspectos relatados são fatos importantes que marcam o percurso acadêmico de Pedro Abelardo, porque depois de algumas experiências trágicas que ele vivenciou, foi motivado a produzir as suas obras éticas, inclusive o *Scito te Ipsum*. Esta obra foi escrita provavelmente quando o filósofo estava morando na comunidade monástica de São Gildas⁹ onde ele foi nomeado abade.

4 FIGURAÇÃO DA RATIO (LÓGICA, DIALÉTICA) NO SCITO TE IPSUM

Abelardo é reputado como dialético por aplicar essa ciência profundamente nos seus manuscritos e por procurar defender o espaço da filosofia sem desafiar a teologia. Ele não nega a fé, porque é um filósofo cristão. Para um melhor entendimento do significado da dialética ou lógica do filósofo, vale a pena relatar o que ela é.

Conforme o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano:

A noção da dialética é como lógica geral, segundo o conceito estóico, persiste por toda a Idade Média, coexistindo com o conceito mais restrito de Dialético como arte da discussão ou do raciocínio provável, mesmo quando esse conceito se difunde nas escolas a partir do século XII como efeito do melhor conhecimento dos *Tópicos* e dos *Elencos sofísticos*. Isidoro de Sevilha retomara o conceito estóico; o mesmo fez Rábano Mauro, que repete as palavras de Agostinho: "A Dialética é a disciplina das disciplinas: ensina a ensinar, ensina a aprender, e nela a própria razão manifesta o que é, o que quer, o que vê". Abelardo, por sua vez, defende a Dialética com as mesmas palavras de Agostinho [...] (ABBAGNANO, 2003, p. 272).

Sabemos que Platão, os sofistas, Aristóteles e os estóicos já tinham desenvolvido a dialética na história da filosofia pagã. Também no período medieval a dialética foi aplicada por Agostinho, e sem esquecer o século XI como período da paixão pela dialética, um período onde os filósofos tentaram resolver questão da fé pela essa arte, por exemplo: a transubstanciação. A concepção é que quando não dava para resolver uma problemática, era crucial fazer apelo à lógica, até que a dialética foi chamada coisa do diabo. No século XII, Pedro Abelardo fez uso dessa ciência, isto é sinal que mostra que o Palatino foi influenciado pelos seus antecessores.

Pedro Abelardo, como professor de Filosofia e Teologia, fez uso da razão na tentativa de trazer soluções para o problema do pecado, da justiça, da culpa, da bondade e da ação. A perspectiva do filósofo a partir do método da dialética é ana-

9 "Há aqueles que afirmam uma estreita relação entre a experiência monástica de Abelardo e o texto da *Ethica*. De fato, em 1127 Mestre Pedro, é nomeado abade da comunidade monástica de São Gildas, e a vida corrupta e intolerável que os monges desse mosteiro levavam seria entrevista no escrito enquanto meditação moral. Por outro lado, a datação mais provável do texto do *Scito te Ipsum* (1138-9), não coincide com sua permanência em São Gildas de Ruys (1127- 1132), mas nada impediria que, ao redigi-lo, Abelardo se recordasse dos anos naquele mosteiro" (SILVA, 2017 p. 2).

lisar a fé cristã para encontrar a verdade. Na sua percepção, era necessário colocar em xeque a questão da autoridade, pois essa é insuficiente para o encontro da verdade, por isso que o ser humano deve usar a razão. Abelardo exalta a dialética porque é um instrumento especulativo para o cultivo da *ratio*:

O refinamento da *ratio*, portanto orienta-se para o "verossímil" no discurso de *divinis*, do qual pretende apresentar um conhecimento aproximativo-analógico, sem nenhuma pretensão de exaurir o seu conteúdo. Pois bem, mesmo tendo consciência dos limites da razão, Abelardo considera necessária a investigação críticorracional para subtrair os enunciados cristãos a qualquer acusação de absurdo, o que é mais importante, torná-los de alguma forma acessíveis à inteligência humana. Trata-se de um esforço programático em que o discurso filosófico não revoga o discurso teológico, mas sim o facilita e o torna acessível e, portanto, a razão não elimina a fé, mas a corrobora (REALE; ANTISERI, 2015, p. 163).

Abelardo mantinha essa postura para contribuir no desenvolvimento da filosofia cristã, para trazer evidências de modo racional, pois a investigação leva ao conhecimento quando há alguma dúvida sobre algo. Por meio desse espírito crítico, o filósofo expôs as suas ideias de forma explícita na obra *Scito te Ipsum*; com tudo isso se pode sustentar que a postura teológica e filosófica de Abelardo foi construtiva e inovadora.

Nas obras *Scito te Ipsum* e *Sic e Non*¹⁰, foi afirmado que a moralidade não reside na obediência exterior a um conjunto de regras, mas,

reside no íntimo do coração e da mente, e o que é importante moralmente não é a ação realizada, mas o sentido que a orienta. Na obra *Diálogo entre um Filósofo (Pagão), um Judeu e um Cristão*, pretende-se demonstrar que nem o pecado original nem a Encarnação tinham produzido um corte absoluto na História da humanidade. "O seu objetivo era pôr em evidência o que era comum às três religiões que representavam para ele a soma do pensamento humano, isto é, encontrar nas diversas religiões o que pudessem reconhecer em cada homem o filho de Deus" (EVANGELISTA, 2019).

Não se deve esquecer que o *Scito te Ipsum* é uma obra ética do Palatino e *Sic e non* outra obra do filósofo, mais metodológica, consiste em resolver os conflitos entre autoridades. Normalmente se resolve com interpretação. Na verdade, o nosso foco neste trabalho é investigar os pensamentos do filósofo apenas no *Scito te Ipsum*.

4.1 ORIGEM DO *SCITO TE IPSUM* DE ABELARDO

O "*Scito te Ipsum*" ou "*Conhece-te a ti mesmo*" é uma expressão inscrita na frente do templo de *Delphos*¹¹ desde a Antiguidade. Até hoje não se consegue definir quem foi de fato o autor dessa frase, mas o essencial é entender a mensagem que está por trás dessa expressão. É do conhecimento geral que Sócrates foi o primeiro a dar ao *conhece-te a ti mesmo* uma conotação filosófica.

No *Primeiro Alcebiades*, Platão adota uma ideia fundamental na qual o homem deve cuidar de sua alma, deve se conhecer primeiro antes de procurar buscar qualquer coisa exterior. *Conhece-te a ti mesmo* é a frase que inspirou Sócrates nas suas investigações para despertar a consciência.

A narrativa de Platão nos conta que Sócrates

10 É uma obra que trata basicamente das questões éticas e morais, escrita por Pedro Abelardo no século XII.

11 Pórtico dos atenienses

diz o seguinte:

Ouvi mais isto, a fim de que os que o desejam tenham mais um motivo para não crer no favor com que me honram as divindades. Um dia em que, em presença de numerosa assistência, Querefonte interrogava a meu respeito o oráculo de Delfos, respondeu Apolo inexistir homem mais sensato, independente, justo e sábio que eu. Como era de esperar, a estas palavras os juizes fizeram ouvir murmúrio maior ainda (PLATÃO, 1980, p. 162).

Baseado nessa declaração, Sócrates foi investigar e percorrer a cidade de Atenas para fazer perguntas aos cidadãos, especificamente, aos políticos e sacerdotes da época, no objetivo de saber se alguém era mais sábio do que ele. Por isso, ele fez menção desta no seu julgamento na frente dos juizes durante a apologia segundo o relato de Platão.

A partir disso, podemos perceber a influência da tarefa filosófica marcada pelo autoconhecimento que nomina a obra de Abelardo. Realmente o filósofo coloca em uso uma expressão que já existia, por isso é interessante buscar a sua origem para poder situar-se melhor.

4.2 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DO *SCITO TE IPSUM* DE ABELARDO

O *Scito te Ipsum* de Abelardo pode ser considerado como uma ciência da interioridade ou da intencionalidade na esfera da moralidade. Na ética, Abelardo evidencia a consciência como cen-

tro de irradiação da vida moral, fonte da intenção ou *consensus animi*. Esse é o fator primário e o motivo básico da vida moral ou, ainda, aquilo que qualifica como boas ou más as ações: "Não se pode chamar de pecado a própria vontade ou o desejo de fazer aquilo que não é lícito, mas sim o consentimento à vontade ou ao desejo" (REALE; ANTISERI, 2015, p. 164).

A partir dessa concepção, o filósofo investiga sobre o pecado com várias facetas, enquanto analisa os vícios, a vontade, a intenção, o consentimento, os desejos, a concretização das obras e a consciência.

Para Abelardo, o julgamento é um elemento que cabe só a Deus.

Os homens não julgam os outros pelos fatos que lhes são ocultos, [isto é, a intenção], mas pelas ações manifestadas, e pensam menos no crime da culpa e mais no efeito das ações. Somente Deus se atém mais ao nosso espírito, [à intenção] pela qual agimos, e menos à ação resultante, pois certamente julga-nos pela culpa da nossa intenção, examinando-a com exato juízo, de modo a confirmar o trecho bíblico que O define como '*o perscrutador do coração e dos rins do homem*' e '*aquele que vê o que está oculto*' (ABELARDO, 2016, p. 67).

A visão da ética abelardiana se volta para a interioridade, no cuidado para não julgar precipitadamente qualquer ação. A avaliação feita por ele sobre o *peccatum* é muito extensa, porque esse não pode ser visto na obra sem uma análise sobre o consentimento e a intenção¹². De fato, na visão abelardiana, o desprezo por Deus é considerado como pecado; consentir com um desejo qualquer

¹² Propriamente, a intencionalidade no domínio prático, ou seja, a referência de uma atividade prática (desejo, aspiração, vontade) ao seu próprio objeto. Nesse significado do ato moral pode ser reconhecida por qualquer doutrina moral. Abelardo dizia: "Deus não toma em consideração as coisas feitas, mas o espírito com que são feitas, e o mérito e o valor de quem age não consiste na ação, mas Intenção" (ABBAGNANO, 2003, p. 576).

e em seguida realizar conscientemente a ação é também considerado como pecado; mas qualquer ação originada pela coerção não é pecado, porque não teve o manifesto da má vontade.

5 DISCUSSÃO ENTRE PEDRO ABELARDO E SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

São Bernardo de Claraaval (1090-1153) nasceu na França, em Fontaine, numa localidade bem perto de Dijon. Segundo Markus Enders, no ano 1112, Bernardo ingressou no mosteiro da ordem de Cîteaux (cistercienses) e tornou-se noviço em 1113. O centro do pensamento de Bernardo é a sua teologia do amor¹³ e também escreve sobre a doutrina de humildade e procurava dar um significado para o conceito de amor. Teólogo que dominava bem o latim. Foi declarado Doutor da Igreja pelo papa Pio VIII.

São Bernardo de Claraaval é visto como o grande opositor de ideias de Pedro Abelardo. Os dois debateram sobre grandes assuntos doutrinários da Igreja e que tinham também fundamentos bíblicos. Na verdade, São Bernardo nunca era absolutamente avesso à razão e à filosofia. Na sua percepção, a razão não pode ser considerada como instrumento definitivo para resolver os dilemas dos mistérios divinos.

Bernardo não era contra a razão e a filosofia, mas era contrário à imputação da razão como fim último, elemento capaz de solucionar todos os problemas do homem e explicar os mistérios divinos, ele não aceitava a investigação racional como fruto da mera curiosidade que é o primeiro grau da soberba, pois sentia repulsa pelo cultivo das ciências próprias do intelecto sem a presença da humildade, uma das atitudes

morais fundamentais do cristianismo. Por outro lado, Abelardo não era contra a vida monástica e o desenvolvimento do espírito, mas sua tendência dialética o fazia valorizar a filosofia, fato que despertava desconfortos nas mentes religiosas mais ortodoxas (TONDINELLI, 2007, p. 24).

Nessas linhas, percebe-se que Pedro Abelardo não tinha problema algum com o estilo da vida monástica em si, porém ele contestava alguns detalhes na doutrina cristã que precisavam ser repensados. Racionalmente, o filósofo elabora seus pensamentos no objetivo de contribuir com a doutrina cristã, mas, infelizmente, São Bernardo acusava algumas teorias do Palatino de heresias.

A discussão entre ambos se refere a vários assuntos. Destacamos, por exemplo, quando algumas vezes monjas que, seguindo os mandamentos de Abelardo, no lugar de dizer: "Dai-nos hoje o pão nosso de cada dia", preferiram: "Dai-nos hoje nosso pão substancial". Bernardo não aceitava essa mudança dos costumes, a que se mantinha firmemente fiel (TONDINELLI, 2007, p. 22). Assim, Abelardo era visto como herege. Por isso, na época do Rei Luís VII, Guilherme de São Teodorico mandou uma carta para o Papa Inocêncio II contando as heresias do filósofo e, depois, no concílio de Sens, em 1141, foram condenadas as novidades de Abelardo sobre doutrina cristã.

A postura de São Bernardo era de fazer a apologia da fé face às heresias do filósofo. Contudo, Abelardo com o uso da razão não caiu felizmente na negação da fé. O filósofo reconhece que a linguagem é uma tentativa para aproximar-se da substância divina, mas nunca poderá chegar a esta, pois a razão humana é limitada.

5.1 CONDENAÇÕES DAS HERESIAS DE PEDRO ABELARDO

13 Cf. ENDERS, Markus. Filósofos da Idade Média (Um mestre do amor). Theo Kobusch, org. Editora UNISINOS, 2005, p. 95.

Antes de expor os ciclos heréticos do filósofo, é importante relatar o significado desse termo “heresia” para uma melhor compreensão. Diante de uma doutrina, ou conjunto de ideias ortodoxas, quando um sujeito traz uma definição paradoxal e assume uma posição diversa, uma ideia oposta ou contraditória, pode-se chamar de heresia¹⁴. No caso de Abelardo, isso aconteceu. A partir das discussões que tiveram entre o filósofo e o teólogo São Bernardo, podemos expor um panorama geral como ocorreram as condenações de algumas teorias heréticas de Abelardo.

Assim, menos de um ano após sua castração, por volta de 1119, Abelardo retornara à prática docente. E no momento desse retorno, “eu compus um tratado de teologia sobre a Divina Unidade e Trindade”, conhecido como Theologia “Summi boni”, concluído por volta de 1120. Menos de um ano depois, em março ou abril de 1121, Abelardo foi convocado a um concílio na cidade de Soissons, há pouco mais de cem quilômetros de Paris, em que o obrigaram a lançar seu tratado no fogo e o condenaram ao eterno silêncio e ao encarceramento na abadia de São Medardo, também na região de Soissons (BATISTA, 2016, p. 22).

Muitos relatos escritos desse concílio já se perderam, por isso não é tão fácil expor tudo que foi discutido naquela convocação, mas a obra *História das minhas calamidades*, do Palatino, contém algumas informações a respeito do

concílio¹⁵. De maneira resumida, podemos apontar a segunda condenação de Abelardo no concílio de Sens, cujo instigador era São Bernardo. De acordo com Abbagnano,

No concílio de Sens de 1140 pregou contra os erros de Abelardo, que foram condenados. A segunda Cruzada de 1147 foi obra das suas predicções. As doutrinas de Gilberto de la Porrée encontraram nele um opositor violento. Fez igualmente valer, com idêntica a força, as armas da sua polêmica contra a seita herética dos Cátaros (ABBAGNANO, 1999, p. 151).

O concílio de Sens ocorreu de forma diferente do concílio de Soissons, porque Abelardo não tinha espaço para se defender, porém na segunda convocação, era aberta para discussão durante o julgamento, principalmente entre Abelardo e Bernardo e podiam também ter apoiadores. No concílio de Sens foi condenado como herege mais uma vez pela Igreja e foi proibido de publicar qualquer obra que tratasse a questão da doutrina cristã.

Através de um documento papal, Abelardo fora sentenciado como herege e, novamente, condenado ao silêncio eterno. Isso ocorreu enquanto o filósofo viajava para recorrer à cúria romana. Um dos únicos registros que chegaram até nós que narra esse período da vida de Abelardo foi escrito, provavelmente, no verão desse mesmo ano.

14 Algumas teorias heréticas de Abelardo: Que Cristo não assumiu a carne para nos livrar do jugo do diabo; que o Espírito Santo não é da mesma substância que o Pai; que o Pai é potência plena, o Filho é certa potência, e o Espírito Santo nenhuma potência; que define fé como o sentimento das coisas invisíveis; que podemos desejar o bem e o fazer somente pelas forças do livre arbítrio, sem a graça divina; Cristo é a terceira pessoa na Trindade (BATISTA, 2016, p. 118-9).

15 O relato mais detalhado que temos do concílio aparece na *Historia calamitatum mearum* de autoria do próprio Abelardo, um texto cuja abordagem demanda uma série de cuidados. Escrita por volta de 1132, a *História das minhas calamidades* é uma carta em tom autobiográfico supostamente enviada a um amigo anônimo (BATISTA, 2016, p. 22).

Pedro, o Venerável, abade de Cluny, enviou uma carta para Inocêncio II que começava da seguinte maneira: Quando o mestre Pedro, que, acredito, seja muito conhecido pela sua sabedoria, vindo da França passou, recentemente, por Cluny, perguntamos a ele aonde ia. Ele respondeu que estava perturbado pelos ataques de certo homem que o havia chamado de herege, um nome que ele abominava, e que ele apelava à majestade apostólica e desejava refúgio em sua proteção. (BATISTA, 2016, p. 66-67).

Enfim, na carreira acadêmica do filósofo, as heresias cometidas por ele são motivos de suas condenações pelo concílio de Soissons e de Sens. A pergunta que fica até hoje é: quais foram os principais motivos da convocação desses dois concílios? Porém, é sabido que as denúncias de Bernardo contra Abelardo foram as questões pontuais. Pedro Abelardo passou por julgamentos e proibições nas questões doutrinárias da Igreja. Assim, podemos dizer que esses momentos contribuíram para seus sofrimentos.

6 APRESENTAÇÃO GERAL DO ESQUEMA DE *SCITO TE IPSUM*

Esta obra é dividida em dois livros: o primeiro é focado nas questões de vícios e pecados e o segundo, sobre as virtudes, que não foi concluído. Ao todo, são 26 capítulos subdivididos em itens.

No primeiro capítulo, o autor iniciou com uma investigação sobre o vício da alma pertencente aos costumes, onde afirma que alguns vícios e bens da alma que nós possuímos inatamente não podem nos levar a condenação e nem nos

dignificar. No segundo, ele elabora a distinção do pecado e o vício que inclina ao mal.

Ele desenvolve o terceiro capítulo a partir de uma pergunta: o que é o vício da alma, propriamente chamado de pecado? O autor esclareceu neste que os vícios nos levam a pecar, pois pecado é consentimento. No quarto, o filósofo debate sobre os demônios que dão sugestões aos homens. Segundo Abelardo, isso ocorre quando o demônio nos incita para pecar tanto pelas palavras, quanto por meio dos fatos.

Do prólogo ao título IV, há uma temática comum: o vício da alma que concerne à moral e ao pecado. Após a definição, Abelardo procede à divisão, distinguindo os vícios e virtudes da alma dos vícios e virtudes do corpo, bem como diferença o vício da alma do pecado. Os pecados não são cometidos somente pelo consentimento (*consensus*), senão também pela sugestão dos homens e dos demônios que conhecem a natureza humana¹⁶.

No quinto capítulo, o filósofo pergunta por que a obra do pecado é mais punida do que o próprio pecado? Nesta parte, Abelardo procura demonstrar que realmente é a intenção que prevalece, e não a ação em si. No sexto, ele comenta sobre os pecados espirituais ou carnis. No sétimo, há um questionamento: por que chamamos Deus de perscrutador da carne e dos rins?

No oitavo, Abelardo discute a questão da renumeração das obras exteriores. No nono, Abelardo pergunta: Deus e o homem, unidos em Cristo, não formam uma unidade melhor do que Deus, tomado isoladamente? O décimo trata a questão da multidão de bens que não é melhor do que um único bem. É debatido no décimo primeiro que uma obra é boa por causa da boa intenção. No décimo segundo capítulo, ele investiga sobre o meio de que podemos dizer que uma intenção é boa. No décimo terceiro, é afirmado que não há pecado a não ser contra a consciência. Pedro Abelardo faz uma discussão ampla através

16 SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. O *Scito te Ipsum* de Pedro Abelardo (1079- 1142): apresentação de conjunto e plano geral da obra. p. 5.

de alguns exemplos oriundos da Bíblia sobre o pecado, no décimo quarto capítulo, para saber quantas maneiras podemos dizer o termo pecado. No capítulo seguinte, o autor questiona se todo pecado é proibido.

No pensamento abelardiano, a resposta é não, porque diante de nossa fraqueza, permaneceremos inteiramente imunes ao pecado. De fato, existem atos inconvenientes, de maneira que nos seja impossível viver sem eles.

No décimo sexto capítulo, Abelardo questiona se é melhor nos abstermos das culpas mais leves do que das mais graves. O décimo sétimo trata o assunto da reconciliação dos pecados e o décimo oitavo sobre o arrependimento, e no capítulo décimo nono, seguido o autor continua investigando sobre o arrependimento eficaz e pergunta no vigésimo capítulo se é possível o arrependermos de um pecado, e não de outro. Abelardo expõe seus raciocínios no vigésimo primeiro capítulo de que não parece injusto não ser dado um prêmio ao homem digno. O filósofo discute no capítulo vigésimo segundo sobre o pecado imperdoável, e debate no próximo se os penitentes carregarão consigo o gemido de sua dor em sua vida futura.

Abelardo comenta sobre a confissão no capítulo vigésimo quarto e pergunta no vigésimo quinto se algumas vezes uma confissão pode ser dispensada e encerra com esta pergunta: se o poder de perdoar e de não perdoar os pecados pertence a todos os prelados em geral?

Podemos perceber que os temas dos capítulos apresentados estão interligados e são discussões que giram em torno da moralidade. Eles têm fundamentos bíblicos e são debatidos a partir da doutrina da intenção do Palatino. Para dar continuidade a esta pesquisa, será exposta a concepção de Abelardo acerca do pecado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante a obra *Scito te Ipsum* de Pedro Abelardo, de fato, ela tem seu fundamento ético

no campo teológico e filosófico. A estrutura desta obra na sua integralidade permite que haja uma compreensão preliminar do título geral. Porque o *Scito te Ipsum*, conhecido também como *Conhece-te a ti mesmo*, é subdividido em dois livros. Vícios e pecado são dois principais pilares abordados no primeiro livro e a questão da virtude é tratada no segundo. A partir da apresentação geral feita a respeito desta obra, descobrimos que há ligação entre os títulos escolhidos pelo autor e também a autenticidade dele no desenvolvimento de cada um.

A obra toda é figurada pela *ratio*, estilo próprio do filósofo. Isso é porque ele procura sintetizar as proposições colocadas e muitas vezes em forma de pergunta. Abelardo questiona, comenta e tenta trazer respostas, ou seja, as suas posições assumidas. Com muita frequência, o filósofo se esforça muito para sustentar suas teses com fundamentos bíblicos nos seus contextos. A sua investigação crítico-racional não o leva a negar a sua fé cristã. Ao invés disso, se traz mais clareza possível no estudo teológico. O seu opositor, São Bernardo de Claraval, não admitia essa postura, porém não era contra a razão e a filosofia.

A noção de pecado é um dos conceitos centrais discutidos na obra *Scito te Ipsum* no primeiro livro. Ela é investigada filosoficamente no campo teológico para subtrair os pré-julgamentos dos homens, porque a nossa racionalidade é limitada, só Deus consegue definir aquilo que se manifesta em nosso íntimo, isto é, Deus que perscruta os rins e o coração. Esta análise leva o Palatino a fazer apelo à intencionalidade. Na verdade, não temos acesso à intenção das pessoas, claro que julgamos a partir das obras exteriores, mas o perigo é que não sabemos se a intenção do sujeito foi correta ou se o ato foi originário da boa vontade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **História da filosofia**. São Paulo: Editorial presença, 1999.

ABELARDO, Pedro. **Ética, ou conhece-te a ti mesmo (Scito te Ipsum)**. Tradução de Tiago Tondinelli. Campinas: Ecclesiae, 2016.

BATISTA, Rafael Bosch. **A heresia de Pedro Abelardo: Ensino, Teologia e Autoridade na Retórica da Condenação (1121-1141)**, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279717/1/Bosch_Rafael_M.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

ENDERS, Markus. **Filósofos da Idade Média (Um mestre do amor)**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.

EVANGELISTA, Teresa. **Pierre Abélard (Professor de Filosofia e Teologia)**. Disponível em: http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/abelardo/professor.html#_topo. Acesso em: 22 jan. 2019.

FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. Rio de Janeiro, Calvariae Editorial, 1969.

GANDILLAC, M. de. Introduction. IN: **Conférences (Dialogue d'un philosophe avec un juif et un chrétien). Connais-toi toi-même (Éthique)**. Introduction, traduction nouvelle et notes par

Maurice de Gandillac. Paris: Éditions du Cerf, 1993.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia (Patrística e Escolástica)**. Vol. 2, São Paulo: Paulus, 2015.

ROSSINI, Marco. **Abelardo**. São Paulo: Idéias & Letras, 2015.

SILVA, Pedro Rodolfo Fernandes da. **Intencionalidade, Consciência e Caridade nas obras Éticas de Pedro Abelardo**. São Carlos-SP, 2017.

_____. **O Scito te Ipsum de Pedro Abelardo (1079- 1142): apresentação de conjunto e plano geral da obra**. Revista Ciências Humanas., Vol. 2, 2009. Disponível em: <https://rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/220/126>. Acesso em 14 jul. 2019.

TONDINELLI, Tiago. **Ética e Justiça no Pensamento de Pedro Abelardo**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Porto Alegre, 2007.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no pensamento Medieval**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.